

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
DOUBLE BILL  
13 de maio de 2023

# THE HUSTLER / 1961

*(A Vida é um Jogo)*

um filme de Robert Rossen

**Realização:** Robert Rossen / **Argumento:** Sydney Carroll e Robert Rossen, baseado no romance de Walter S. Tevis / **Direcção de Fotografia:** Eugen Schuftan / **Direcção Artística:** Harry Horner / **Cenários:** Gene Callahan / **Guarda-Roupa:** Ruth Morley / **Música:** Kenyon Hopkins / **Som:** Eduard Beyer, James Shields e Richard Vorisek / **Montagem:** Dede Allen / **Interpretação:** Paul Newman ("Fast" Eddie Felson), Jackie Gleason (Minnesota Fats), Piper Laurie (Sarah Packard), George C. Scott (Bert Gordon), Myron McCormick (Charlie Burns), Murray Hamilton (James Findlay), Michael Constantine (Big John), Stefan Gierasch ("padre"), Clifford Pellow (Turk), Jake LaMotta e Vincent Gardenia ("barmen"), Gordon B. Clarke (caixa), Alexander Rose (marcador), Carolyn Coates (empregada), Carl York (jogador jovem), etc.

**Produção:** Rossen Enterprises / **Produtor:** Robert Rossen / **Director de Produção:** John Graham / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 134 minutos / **Estreia em Portugal:** Tivoli, a 29 de Janeiro de 1962.

---

**The Hustler** é apresentado em "double bill" com **The Color of Money**, de Martin Scorsese ("folha" distribuída em separado).

A projecção decorre com um intervalo de 20 minutos entre os dois filmes.

---

Quando realizou **The Hustler** (o seu penúltimo filme, antes de **Lilith** em 1964 e da morte em 1966), Robert Rossen era, segundo todas as biografias, um homem acentuadamente amargurado. Tivera problemas com a "caça às bruxas" do senador McCarthy, sendo incluído na famigerada lista negra, e só pudera voltar a trabalhar quando aceitou testemunhar perante a Comissão de Actividades Anti-Americanas e denunciar mais de cinquenta antigos companheiros do Partido Comunista. Pôde voltar a trabalhar, é verdade, mas talvez por pudor, talvez por remorso (ou porque não se pode "go home" outra vez), manteve-se sempre à margem do "mainstream" hollywoodiano - num trajecto que o levou a superproduções internacionais como **Alexander the Great**, em 1957, e que culminaria, com **The Hustler** ou **Lilith**, em filmes de que hoje se diria serem "independentes". Se por essas razões a década de cinquenta foi para Rossen uma espécie de travessia do deserto, há ainda que acrescentar a perda da estima crítica que conhecera nos anos quarenta, quando rodou obras como **Body and Soul** ou **All the King's Men**.

Rossen sentia-se portanto um homem fracassado quando rodou **The Hustler**, o filme que lhe recuperaria boa parte da reputação e, certamente não por acaso, um filme que é acima de tudo uma meditação sobre o sucesso e o fracasso, sobre as ambiguidades de cada uma dessas noções e sobre a forma como, às vezes, uma e outra andam de braço dado. **The**

**Hustler** tornou-se num filme famosíssimo e ainda mais ficou quando em 1986 Martin Scorsese rodou a (apenas aparente) sequência que se chama **The Color of Money**. Foram três, fundamentalmente, as coisas que fizeram a popularidade do filme: o retrato do "mundo paralelo" dos jogos e dos jogadores de bilhar, filmado com um virtuosismo inexcelável; a fabulosa fotografia de Eugen Schuftan; e a interpretação de Paul Newman, por muitos considerada ainda hoje como a coroa de glória de toda a sua carreira.

Três razões justíssimas, mas acima de tudo três razões que Rossen coloca brilhantemente ao serviço da "parábola" que quer encenar. Se o filme se debruça sobre o mundo do bilhar (com fidelidade e realismo, segundo os entendidos) o interesse de Rossen por esse universo passa fundamentalmente pela possibilidade de o transformar numa espécie de abstracção metafórica. Como se o circuito dos jogos de "pool", com a sua lógica e o seus códigos próprios, permitisse uma representação "à escala" da dinâmica de funcionamento do mundo. E de facto em **The Hustler** estamos sempre num mundo paralelo, subterrâneo, como que apenas tangencial ao mundo exterior: praticamente nunca saímos dos salões de bilhar escuros e fumarentos, onde qualquer manifestação do espaço "outside" é mal tolerada (repare-se na frase proferida por Minnesota Fats quando os estores deixam passar um raio de luz: "will you cut that sunshine out!"). O magnífico trabalho fotográfico de Schuftan tem evidentemente um papel fundamental na criação e na delimitação desta atmosfera. A aspereza cortante da iluminação, feita de bruscos contrastes que parecem pegar no "chiaroscuro" característico do filme negro e transformá-lo numa coisa próxima de um hiper-realismo demencial, é uma peça absolutamente crucial do filme de Rossen.

Tal como é determinante nos poucos momentos em que abandonamos o interior dos salões, em especial nas sequências com Piper Laurie. Laurie é a única personagem do filme que não tem nada a ver com o bilhar, e é neste sentido a única personagem oriunda do mundo exterior. Tudo isso fica dito pela iluminação das cenas em que a vemos primeiro (as cenas na cafetaria, depois em casa dela), uma iluminação onde o brilho da manhã se constitui como o exacto negativo da atmosfera nocturna dos salões. Por isso mesmo, Laurie vai ter um papel determinante na vida da personagem de Paul Newman, representando uma espécie de fio de Ariane entre ele, imerso no seu próprio mundo, e a realidade exterior. Newman percebe-o tarde de mais (ou melhor, Laurie tem que se "imolar", através do suicídio, para que ele o perceba) mas é nesse momento que ganha o "character" que faltava para deixar de ser o "loser" que George C. Scott lhe chamara no princípio do filme. O "character", basicamente, é a consciência de que a vida é, ao contrário do que diz o título português, mais do que um jogo. A partir desse momento sabe que "ganhar" e "perder" não são termos inconciliáveis e que as coisas se medem para além de "fracassos" ou de "sucessos". Na admirável sequência final, quando Newman ganha o jogo mas se vê proibido de voltar a pôr o pé num salão de bilhar, fica claro que para ele, o "character" é, finalmente, mais importante do que o "talent".

Luís Miguel Oliveira